



## POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE TERCEIRO SETOR

Thaniê Xavier Ouriques<sup>1</sup>  
Filipi Vieira Amorim<sup>2</sup>  
Júlia Guimarães Neves<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo apresentar o resultado e o processo de ações ambientais realizadas na Organização Não Governamental – ONG Sempre Mulher. O texto foi construído junto ao Curso de Especialização em Educação Ambiental *Lato Sensu*, promovido em parceria entre a Universidade Aberta do Brasil – UAB e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Partindo da possibilidade de incluirmos a Educação Ambiental nas atividades desenvolvidas pelos jovens atendidos na instituição, fundamentamos o nosso trabalho na Educação Ambiental crítica e transformadora. O horizonte comum das atividades desenvolvidas foi o de tentar promover a autonomia dos participantes. Em um primeiro momento, a pesquisa proporcionou, entre outros, encontros para trocas de experiências entre os envolvidos com a ONG Sempre Mulher. A partir desses encontros o trabalho foi ampliado à comunidade, primeiro com o envolvimento da Escola Municipal de Educação Básica Doutor Liberato Salzano Vieira da Cunha e depois com ações em uma praça do bairro Sarandi, na cidade de Porto Alegre, onde encontra-se tanto a ONG Sempre Mulher quanto a escola já mencionada.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Organização não governamental. Escola.

### 1. INTRODUÇÃO

Durante os estudos sobre Educação Ambiental crítica e transformadora, desenvolvidos no âmbito do Curso de Especialização em Educação Ambiental *Lato Sensu*, promovido em parceria entre a Universidade Aberta do Brasil – UAB e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, percebemos a importância deste tema e a oportunidade de aprofundamento através da aplicabilidade de uma pesquisa que contemplasse ações ambientais com ênfase no envolvimento e na integração dos jovens atendidos na Organização Não Governamental – ONG Sempre Mulher, uma instituição de terceiro setor.

---

<sup>1</sup> Graduada em Administração; Especialista em Educação Ambiental (UAB-FURG); MBA em Gestão Ambiental e Sustentabilidade (IERGS). E-mail: [thanie1@hotmail.com](mailto:thanie1@hotmail.com)

<sup>2</sup> Licenciado em Ciências Biológicas; Mestre em Educação; Doutorando em Educação Ambiental (PPGEA-FURG); Bolsista da CAPES. E-mail: [filipi\\_amorim@yahoo.com.br](mailto:filipi_amorim@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Licenciada em Ciências Biológicas; Especialista em Educação Ambiental; Mestre em Educação; Doutoranda em Educação (PPGE-UFPEL). E-mail: [juliaaneves@hotmail.com](mailto:juliaaneves@hotmail.com)

As atividades ocorreram por meio de ações coletivas em que foi discutida a importância da Educação Ambiental, possibilitando reflexões sobre o nosso papel como indivíduos na sociedade, nossa percepção de Meio Ambiente, nossas possibilidades de promoção do trabalho em equipe, da cidadania e da Educação Ambiental na instituição.

Segundo os aspectos sociológicos, a sociedade civil é dividida em três setores: o primeiro é formado pelo governo; o segundo por empresas privadas; o terceiro é composto de associações sem fins lucrativos. Neste contexto, uma instituição de terceiro setor é formada por associações e entidades sem fins lucrativos, assim como o local onde este trabalho foi desenvolvido. Ainda, o terceiro setor está relacionado com as atividades de serviço social, desempenhando um papel fundamental em sua atuação para o desenvolvimento social. Nesta atividade, destacam-se as organizações não governamentais – ONGs.

Para a realização deste estudo, foi escolhida a instituição ONG Sempre Mulher, que está localizada no Bairro Sarandi, zona norte do município de Porto Alegre/RS. Sempre Mulher é uma organização beneficente, sem fins lucrativos, não governamental, fundada em abril de 2002, que atua na defesa dos Direitos Humanos e promoção da cidadania. Cabe destacar que a ONG está situada e desenvolve suas atividades em uma região com alto índice de vulnerabilidade social. A instituição desenvolve ações de assistência social e socioeducativas junto a segmentos socialmente vulneráveis da comunidade local, com ênfase em atividades de capacitação para geração de renda e de promoção da cidadania de mulheres, jovens e adolescentes.

Por acreditar na importância da Educação Ambiental, no significado que a inserção desta trará à instituição e às pessoas que dela participam, surge a questão central deste estudo: Como promover ações de Educação Ambiental na ONG Sempre Mulher e nos arredores do Bairro Sarandi, na cidade de Porto Alegre?

Ao longo deste artigo serão abordados: i) os estudos bibliográficos que embasam esta pesquisa; ii) a metodologia utilizada nas ações, bem como a explanação através de registros das ações realizadas; iii) os pontos positivos compreendidos através da realização das ações, os desafios, as barreiras encontradas e as lições aprendidas.

## **2. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A SOCIEDADE**

Neste capítulo serão abordados os conceitos e pressupostos teóricos que embasaram o trabalho. Esta apresentação se faz fundamental para a compreensão do estudo e a importância de sua aplicabilidade.

Como primeiro apontamento e sobre o que tange ao histórico da Educação Ambiental (EA) temos a seguinte explicação:

O Primeiro registro de uso da expressão Educação Ambiental (*environmental education*) ocorreu em 1965, na Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Grã-Bretanha. Desde então, muito vem sendo dito, refletido, sugerido e repensado nos âmbitos nacional e internacional. Na I Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, ocorrida em Tbilisi, na Geórgia (ex-URSS), em 1977, foram estabelecidos os princípios orientadores da EA e foi reforçado o seu carácter interdisciplinar, crítico, ético e transformador (NASCIMENTO; LEMOS; MELLO, 2008, p. 80).

Tal afirmação traz o registro de que há meio século se discute a importância e a inserção da Educação Ambiental como processo fundamental para transformação do meio, focada na melhoria de qualidade de vida da população. Através de eventos internacionais começaram as difusões dos princípios da Educação Ambiental e suas potencialidades de transformação. No Brasil temos o amparo legal da Lei 9.795//99, que diz o seguinte:

A Educação Ambiental é definida como os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999, s/p).

Segundo Dias (2006, p. 28) “A Educação Ambiental é um conjunto de atividades que busca informar e sensibilizar as pessoas sobre a complexa temática ambiental, estimulando o envolvimento em ações que promovam hábitos sustentáveis”. Já a compreensão de Loureiro (2003) diz que a Educação Ambiental é aquela que viabiliza um processo educativo que tenha condições de promover ações modificadoras nos sujeitos e nos grupos sociais.

Ainda refletindo sobre a Educação Ambiental, na concepção de Loureiro (2003), este acrescenta o adjetivo “crítica”, ou seja, a Educação Ambiental crítica possibilita a formação de um sujeito cidadão, comprometido com a sustentabilidade ambiental, partindo de um entendimento do mundo enquanto complexo. Neste sentido, a responsabilidade de cada

sujeito é enfatizada sob a perspectiva de cidadania, relacionada à compreensão de que todos são partes integrantes de um mesmo ambiente, portanto, são responsáveis pelo cuidado quanto à sustentabilidade ambiental.

Para Pires e Ribes (2005) a Educação Ambiental vem sendo diretamente associada à preservação da natureza. Ao longo das últimas décadas muitos pesquisadores a relacionam, equivocadamente, somente a essa questão. Com isso deixam de lado a percepção de que o homem é parte da natureza e se transforma sofrendo ações do meio, de si, e dos outros.

A partir do que apresentaram Pires e Ribes (a Educação Ambiental relacionada diretamente à natureza), verificamos a necessidade de que essa discussão esteja focalizada para além do ambiente natural ou de uma restrição que contemple apenas a preservação ambiental. Foi este fato que nos fez acreditar nas possibilidades da Educação Ambiental na ONG Sempre Mulher.

De acordo com Loureiro (2002), a educação deve ser uma prática social que contribua para o processo de construção de uma sociedade regida por novos estágios sociais. Assim, diferentes dos atuais cenários, teríamos a sustentabilidade da vida e a ética ecológica como base dos processos educativos, contemplando assim a Educação Ambiental. Para atingir este objetivo é necessário que se trabalhe através de novas metodologias, baseando-se na construção de novos olhares, onde todos os envolvidos no processo sejam protagonistas da transformação do meio onde vivem.

Quanto à aplicação da Educação Ambiental nas instituições de terceiro setor, a Lei nº 9.795 de 1999, defende que a Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. Nesta mesma lei está descrito, em seu art. 13, parágrafo único, no item II: “receberá incentivo dentro do processo de Educação Ambiental as escolas, universidades e organizações não governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à Educação Ambiental não formal” (BRASIL, 1999, s/p).

Este apontamento legal mostra a importância da Educação Ambiental e seu reconhecimento em âmbito nacional. Do mesmo modo, favorece a inclinação ao fomento para as instituições que a viabilizam. Sobre isso, temos o apoio e a convergência com o argumento de Loureiro (2003), onde indica que a Educação Ambiental deve partir dos grupos sociais em situação de vulnerabilidade para democratizar o acesso à informação e disseminar um entendimento da sociedade em suas múltiplas contradições. Baseando-se nas questões legais

que indicam os deveres e responsabilidades ambientais de cada um dos envolvidos na sociedade brasileira, não podemos esquecer que a Educação Ambiental é de suma importância para a qualidade de vida, a saúde e o bem-estar da população.

Devido ao nosso envolvimento com a educação não formal, de cunho e contexto popular, vamos relacionar, ainda que brevemente, elementos do pensamento de Paulo Freire com as nossas atividades em Educação Ambiental. Sabemos que nos dias atuais é impossível pensar em desenvolvimento sem relacionar o significado desta palavra à educação, no que ela pode agregar às pessoas e como estas podem executar suas atividades compartilhando informações através do conhecimento adquirido. Com isto, podemos considerar que a efetivação de uma Educação Ambiental crítica e transformadora está ligada à concepção de educação que perpassa nosso trabalho e que é utilizada por aqueles agentes que multiplicam as informações coletivamente construídas e aprendidas.

Conforme Nascimento, Lemos e Mello (2008), no momento em que assumimos que a Educação Ambiental é um processo educativo, temos de refletir sobre a base pedagógica que orienta essas ações. Sendo de responsabilidade de educandos e educadores refletir sobre os paradigmas e as ações fundamentais para que a transformação aconteça. Partimos, então, de uma primeira constatação feita por Paulo Freire (2011) sobre os processos educativos. Para o educador, o processo de educação deve relacionar a atitude reflexiva com a ação, a teoria com a prática, o pensar com o fazer, para assim construir um verdadeiro diálogo.

Sato (2002) comenta que a pedagogia de Paulo Freire é libertadora e humanista, e pode ser utilizada na Educação Ambiental, primeiramente, com o intuito de transformar as sociedades com ações participativas dos estudantes e, em outro momento, deixa de ser uma pedagogia escolar para se transformar em um processo permanente de libertação. Neste contexto, onde a pedagogia transcende para um estado de libertação do cidadão, podemos relacioná-la a diversos campos de aplicabilidade. É por isso que aliamos nossa atuação na Educação Ambiental com a proposta pedagógica de Paulo Freire, para que tenhamos novas metodologias para ações e compreensões em Educação Ambiental.

Em sua “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire (2011) expôs algumas contradições básicas de situações existenciais. Trazendo-nos questões concretas, atuais e problemáticas, suas colocações nos desafiam e nos exigem respostas. Não nos referimos apenas ao nível intelectual ou teórico pensados isoladamente, referimo-nos ao nível da ação. Com a compreensão dos conceitos freireanos, entendemos a necessidade de divergirmos das ideias que a sociedade possui sobre a educação tradicional, contrariando-as. O pensamento de Paulo

Freire faz com que as pessoas reflitam sobre suas vidas, motivando-as assim para a mudança. O autor propõe o levantamento de questões que causam certa inquietação no povo, desafiando-os para que encontrem respostas e ações práticas para a transformação. Ainda, conforme Paulo Freire (2011), para toda ação cultural há uma forma de incidir sobre a ordenação social, com o intuito de mantê-la ou de transformá-la.

Diante disso, a Educação Ambiental deve ser vista como uma forma de educação e não deve ser direcionada apenas no ensino formal, mas ampliada ao ensino não formal, tornando-se um instrumento para a tomada de consciência da sociedade em geral. Uma vez que a Educação Ambiental envolve diversos aspectos do “Meio Ambiente” para a transformação da sociedade, é necessário que o processo educacional permeie todas as áreas de conhecimento. Neste sentido, a limitação de conteúdo sobre a temática ambiental ou sobre a Educação Ambiental a uma única disciplina impede um processo interdisciplinar, onde todas as disciplinas estejam relacionadas e onde a educação não formal tem mais liberdade para atuar.

Segundo Sato (2002) somente após as conferências de Estocolmo e Tbilisi a Educação Ambiental vem sendo redefinida, envolvendo profissionais de diversas áreas, enfatizando uma discussão onde a Educação Ambiental passa por uma perspectiva interdisciplinar.

Nesse rumo de orientação, é urgente avançar para uma metodologia interdisciplinar e multireferencial nos processos educativos, que possibilite refletir sobre a complexidade da realidade ambiente, o contexto dos educandos e da escola, a problematização dialógica, a construção de conhecimentos que projetem decisões e ações locais, sem perder de vista os acontecimentos e fatos globais, enfim, uma metodologia que colabore para a práxis de uma Educação Ambiental (DICKMANN; CARNEIRO, 2012, p. 91).

Calloni (2006) aponta que a interdisciplinaridade não significa a eliminação das disciplinas, e sim uma forma de conhecimento que incorpora as diferentes características de cada disciplina ultrapassando os seus espaços específicos, levando o ser humano a novas descobertas com diferentes saberes. Pensando nas interligações disciplinares e no potencial transformador que se possibilita a partir da aplicabilidade da Educação Ambiental fora de espaços disciplinarizados, entende-se que a interdisciplinaridade abre múltiplas janelas, onde em cada uma destas é possível encontrar diferentes conhecimentos.

Retornando ao pensamento freireano e considerando a importância da emancipação da sociedade, entendemos como necessária a abordagem sobre a realidade social em que o grupo da ONG Sempre Mulher está inserido. Paulo Freire (1979) descreve que a mola propulsora da teoria que enfatiza a libertação do indivíduo é a que estuda as questões críticas da realidade social, política e econômica, no sentido de conscientizar as diferentes classes e estruturas sociais para a promoção da justiça social.

Educador e educandos [...], cointencionados à realidade se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes (FREIRE, 2011, p. 77).

Baseando-se nos fundamentos acima citados, salienta-se que é de suma importância entender a origem do educando para que seja possível fomentar a Educação Ambiental com potencial crítico e transformador. Assim, é necessário problematizar o contexto social do grupo sempre relacionando a teoria e a prática, buscando redefinir as relações sociais já estabelecidas, tanto entre humanos quanto entre humanos e os demais seres vivos.

Com base nos conceitos do freireanos, entende-se a necessidade dos questionamentos que geram a inquietação e a possibilidade da libertação do oprimido. Nesse sentido, vimos o quanto abrangente é a Educação Ambiental e o que nós – como sociedade inquieta em busca da libertação – precisamos refletir criticamente para o desenvolvimento ideal e sustentável da humanidade.

Ao encontro disso, Guimarães (1995) define a Educação Ambiental como processo participativo, comunicativo, criativo, e que valoriza a ação; a Educação Ambiental critica a realidade vivida, sendo formadora da cidadania; transforma os valores e atitudes com a implantação de novos hábitos e conhecimentos; cria uma ética nova que sensibiliza e conscientiza para as relações integradas entre o ser humano, a sociedade e a natureza, buscando um equilíbrio que possibilite a melhoria da qualidade de vida.

Na medida em que os ambientes multiplicadores de conhecimento, sejam eles formais ou não formais, têm o objetivo de proporcionar aos educandos questionamentos, potencializando-os para a mudança, motivando-os para que trabalhem juntos e pensem em melhores soluções para o bem comum, e estes se organizem para tal, entende-se então quanto influentes e potencializadores são estes espaços para a promoção de novas ideias.

Seguindo o conceito abordado por Guimarães, onde ele classifica a Educação Ambiental como um processo participativo, Pires e Ribes (2005) apontam o trabalho coletivo como a melhor maneira de atualizar e refletir a ação para a Educação Ambiental, onde o debate se coloca como ferramenta para agregar novas ideias, informações, dúvidas e incoerências que levam o educando a reorganizar seu pensamento, ratificando-o ou modificando sua posição. Os autores afirmam ainda que “trabalhando coletivamente o indivíduo sente-se fortalecido com o grupo, porque sabe que conta com apoio dos outros que estão lutando pelo mesmo ideal, com quem podem partilhar e discutir dificuldades e preocupações do âmbito social” (PIRES; RIBES, 2005, p. 37).

Nessa perspectiva, trabalhando coletivamente a escola pode se transformar em um local que propicie a formação não só dos alunos como também de todos nela envolvidos (PIRES; RIBES, 2005). No ambiente em que se trabalha com a possibilidade da transformação de todos os envolvidos no processo de educação, é importante que os sujeitos sejam interativos e não somente ativos ou passivos, uma vez que participam e influenciam uns aos outros.

Conforme Vasconcelos (1995, p. 51), “a participação é um valor, uma necessidade humana, uma questão de respeito pelo outro, de reconhecimento da condição de cidadão, de sujeito do sentir, pensar, fazer, poder”.

A importância da participação de forma efetiva se torna premente para que todas as ações sejam pensadas e repensadas a fim de atingir as propostas dos envolvidos. Essa participação deve se dar de forma comprometida, na qual todos possam ser sujeitos do processo, atuando como autores no momento de sua elaboração (PIRES; RIBES, 2005, p. 45).

Fundamentado neste referencial teórico, onde encontramos aportes embasando a Educação Ambiental, como tema discutido há meio século, compreende-se que para a sociedade ser protagonista de um processo de transformação é necessário fornecer as ferramentas, potencializando-a, gerando inquietações e motivando-a para que esta promova as mudanças. Estas potencialidades, fornecidas através de instrumentos educacionais, podem atingir o educando através de ambientes formais e não formais de multiplicação de conhecimentos e saberes.

### **3.METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES**

Devido a sua história de dedicação junto à comunidade onde está inserida, a ONG Sempre Mulher, em seu Projeto de Trabalho Educativo, atua diretamente com jovens do bairro Sarandi, em Porto Alegre. Seus principais objetivos são:

- Contribuir para a garantia da universalização da Política Nacional de Assistência Social e dos princípios do Sistema Único da Assistência Social (SUAS);

- Promover a defesa dos direitos humanos das mulheres, especialmente aquelas em situação de violência, em conjunto com suas famílias;

- Promover a cidadania de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social na perspectiva da superação de suas vulnerabilidades;

- Promover o debate sobre relações raciais e enfrentamento do racismo na execução de programas da política de assistência social.

Além destas atuações, a ONG administra duas Casas Lares que abrigam 20 crianças, e ainda desenvolve outros dois projetos que são: i) Trabalho Educativo com foco em Embelezamento Afro e Cidadania; ii) A arte do Grafite e Cidadania, em que dezenas de crianças e jovens utilizam os serviços e participam dos projetos da instituição.

A metodologia deste projeto pode ser definida como pesquisa-ação, e foi elencada para fundamentar este artigo, devido a sua característica integradora entre teoria e prática.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (ENGEL, 2000, p. 182).

Este estudo teve por objetivo promover ações de Educação Ambiental na ONG Sempre Mulher e nos arredores do Bairro Sarandi, na cidade Porto Alegre, através das seguintes atividades:



Imagem 1: acervo dos autores

- Mapear problemas ambientais existentes na comunidade, através de relatos e vivências dos jovens atendidos pela ONG e pertencentes ao bairro Sarandi;

- Realizar encontros de Educação Ambiental com os jovens atendidos pela ONG Sempre Mulher, com o objetivo de junto a eles indicar ações de melhoria para os problemas mapeados;



Imagem 2: acervo dos autores

- Auxiliar na execução das ações de conscientização e melhorias, a fim de minimizar os danos causados, fomentando a Educação Ambiental na instituição e em seu entorno.

Neste sentido, a fim de atingir estes objetivos, e seguindo os preceitos de Paulo Freire, este projeto foi composto de ações ambientais na organização, com foco de trabalho nas crianças e adolescentes, com a ideia de incluir a Educação Ambiental no desenvolvimento dos jovens participantes dos projetos da instituição.

Através de encontros de Educação Ambiental e da realização de ações de melhoria aos danos ambientais existentes no entorno da instituição, procuramos abranger os jovens e comunidade em um processo de Educação Ambiental crítica e transformadora para o exercício da cidadania.

A pesquisa-ação foi realizada entre os meses de junho e dezembro de 2014. O Primeiro encontro ocorreu com o intuito de conhecer a realidade dos educandos, onde pontuamos levantamentos e entendimentos sobre o Meio Ambiente e algumas problemáticas locais. Esta atividade causou nas jovens algumas inquietações e questionamentos sobre o seu papel como cidadãs, e com isso foi proposto a sua participação no projeto.

No segundo encontro, promovemos uma atividade onde concentramos as atenções em mapear as necessidades de aprofundamentos de conceitos de Educação Ambiental com as educandas. Com isto, entendemos que o sucesso deste projeto estava diretamente ligado ao aprofundamento dos conhecimentos de todos os envolvidos. Para que este desenvolvimento fosse possível, idealizamos a realização de encontros sistemáticos, além de ações na escola, na ONG e em uma praça do bairro, com intuito de troca e multiplicação dos saberes sobre o tema com a comunidade local.

Dando sequência nas atividades, identificamos a necessidade de criar uma identidade para o projeto, engajando ainda mais a equipe em torno do objetivo final destas ações. O tema do terceiro encontro foi à criação de um *folder* com uma “marca” que representasse o nosso grupo e a pesquisa-ação que desenvolvíamos. O nome escolhido pelo grupo foi “Conterrâneas do Ambiente”. O principal objetivo desta atividade foi o de elaborarmos um material de divulgação da nossa pesquisa-ação e demonstrar algumas atitudes que cada pessoa pode fazer para preservar o Meio Ambiente. Nesse momento envolvemos ainda mais a comunidade local na pesquisa-ação.



Imagem 3: acervo dos autores

Nesta atividade, reunimos as “Conterrâneas do Ambiente” e em uma roda de conversa iniciamos um debate para a preparação de um material que falasse um pouco sobre a ideia do nosso trabalho e demonstrasse a importância do cuidado com o Meio Ambiente através de nossas ações. Então, decidimos fazer a construção deste material em forma de desenho, facilitando o entendimento e a interação das crianças, público alvo das ações que viriam.

No encontro seguinte, a atividade foi de abordagem dos conceitos sobre Educação Ambiental. O intuito foi o de capacitar as participantes da pesquisa-ação para as atividades práticas seguintes. Assim, foi possível atrelar os conhecimentos teóricos vistos nos encontros anteriores a uma atividade prática, visando o engajamento e a compreensão das educandas.

Nos encontros que se seguiram, foram realizadas ações práticas de limpeza em uma praça do bairro e revitalização do espaço externo da instituição. E em outro momento realizamos a interação entre as “Conterrâneas do Ambiente” (educandas da ONG Sempre Mulher) com a turma B11 da Escola Municipal de Educação Básica Doutor Liberato Salzano Vieira da Cunha, localizada no bairro Sarandi, em Porto Alegre. Neste encontro com os estudantes, a ideia central foi à multiplicação do conhecimento de Educação Ambiental, com a participação das alunas da escola que integravam o grupo da pesquisa-ação atuando como protagonistas desta atividade.

Esta atividade foi de grande valia para a execução da pesquisa-ação, pois houve interação com os alunos da escola, multiplicando e divulgando a Educação Ambiental a partir dos serviços prestados pela ONG Sempre Mulher. A ideia principal era a de multiplicar os

princípios da Educação Ambiental pela atuação das “Conterrâneas do Ambiente” como protagonistas desta ação, intercambiando saberes e vivências.

O encontro seguinte foi para a elaboração de um cartaz final e entrega simbólica de uma premiação aos alunos da turma B11, da Escola Liberato, pela receptividade e participação na ação anterior, onde cada aluno havia demonstrado seu entendimento, preocupação e participação positiva com o Meio Ambiente. Criamos um troféu, feito com materiais recicláveis, e o nomeamos “Troféu por um Mundo Mais Limpo”. Este troféu foi entregue aos alunos como agradecimento pela oportunidade de realizarmos a troca de ideias e pela participação ativa de todos.

Após estas atividades, realizamos um encontro final de fechamento da pesquisa-ação e discutimos os conceitos abordados no primeiro encontro para que pudéssemos refletir sobre a evolução e o desenvolvimento pessoal de cada integrante da equipe ao longo da execução do trabalho.

Após esta apresentação dos preceitos metodológicos que orientaram este estudo, bem como dos relatos detalhados da execução do mesmo, serão demonstradas nossas considerações finais, que não encerram as possibilidades de trabalho com a Educação Ambiental na ONG Sempre Mulher, mas que delimitam o fim desta etapa para o início de outras que surgirão a partir desta que relatamos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao vivenciarmos e experienciarmos o trabalho como educadores ambientais, apresentados neste artigo e desenvolvidos nas atividades desta pesquisa-ação na ONG Sempre Mulher, percebemos a importância da aplicação dos aportes teóricos somado às vivências, aos imprevistos, às dificuldades e às experiências não antes imaginadas. Diante destas constatações, entendemos a intrínseca relação entre a teoria e a prática, no sentido da aplicabilidade da teoria e da teorização da prática, na construção dos pilares para a formação de educadores e educadoras ambientais responsáveis, críticos e transformadores da realidade onde vivem.

Após a realização da pesquisa-ação, desde a sua estruturação, com o pensamento e a idealização de o que estudar e aplicar, passando pelo tempo dedicado ao aprofundamento teórico, a fim de formarmos um embasamento sólido para a realização das atividades práticas, e principalmente pela efetiva execução das atividades, constatamos que enfrentar tais

dificuldades, conviver com os erros e os acertos também fazem parte da pesquisa científica. Entre eles, destacamos o tempo restrito para a realização das ações, devido a outras demandas da instituição e dificuldades de agenda; a dificuldade de engajamento das demais áreas da instituição e de instituições parceiras, aliadas à resistência ao início do projeto, tornaram a captação dos recursos necessários para a realização das atividades mais lentos, o que prolongou o processo.

No que diz respeito ao envolvimento da comunidade com o projeto, tanto por parte das educandas e educandos quanto da escola e da ONG, incluindo outros moradores do bairro e profissionais, ninguém tinha uma vivência em projetos e ações de Educação Ambiental, bem como, apresentavam pouco entendimento sobre o tema. Em sua maioria, os relatos estavam ligados às noções de Educação Ambiental naturalista e preservacionista, onde as ações permanecem no plano da ação individual de coleta e separação do lixo, de plantio e cultivo de árvores, por exemplo. Com o trabalho, não tínhamos por objetivo substituir a visão naturalista e conservacionista, mas complementá-la com a visão de Educação Ambiental crítica e transformadora, onde a comunidade atua como reivindicadora, entre outros, de direitos políticos, econômicos e culturais.



Imagem 4: acervo dos autores

Outro aspecto identificado durante a realização das atividades de pesquisa-ação que merece destaque foi à integração e dedicação da comunidade com o projeto, sobretudo das “Conterrâneas do Ambiente”, grupo formado por meninas vinculadas à ONG Sempre Mulher: elas desempenharam o papel de protagonistas em todas as ações realizadas. Assim, acreditamos que a oportunidade do desenvolvimento da ONG Sempre Mulher como um polo de multiplicação de saberes para com as temáticas e questões ambientais, conquistadas através das ações realizadas neste trabalho, tornaram-se um legado de grande valia para a instituição.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm) Acesso em: 27 mar. 2015.

CALLONI, Humberto. **Os sentidos da Interdisciplinaridade.** Pelotas: Seiva, 2006.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação e gestão ambiental.** São Paulo: Editora Gaia, 2006.

DICKMANN, Ivo; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra Pedagogia da Autonomia. **R. Educ. Públ. Cuiabá**, v. 21, n. 45, p. 87-102, jan/abr. 2012. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/334/302> Acesso em: 09 jun. 2015.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação.** Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. Editora da UFPR, 2000. Disponível em: [http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_16/irineu\\_engel.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf) Acesso em: 03 jul. 2015.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação.** Campinas: Papyrus, 1995.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e Movimentos Sociais na Construção da Cidadania Ecológica e Planetária. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. e CASTRO, R. S. de. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Premissas teóricas para uma Educação Ambiental transformadora. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, 8: 37-54, 2003. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/897>. Acesso em: 03 mai 2015.

NASCIMENTO, Luis Felipe; LEMOS, Ângela Denise; MELLO, Maria Celina. **Gestão Socioambiental Estratégica**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

PIRES, Pierre André Garcia; RIBES, Eva Lizety. **Educação Ambiental**: seus propósitos e suas práticas na elaboração do projeto político-pedagógico. Artigo para o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Furg, 2005.

SATO, Michele. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Plano de Ensino Aprendizagem e Projeto Educativo. São Paulo: Libertad, 1995.